

**CHOQUE ENTRE CULTURA DESENVOLVIMENTISTA E CULTURA  
TRADICIONAL: O CASO DO POVOADO MANGA-MA E OS VÁRIOS IMPACTOS  
PROTAGONIZADOS PELA CONSTRUÇÃO DA USINA HIDRELÉTRICA  
CACHOEIRA.**

Autores: Cinara Araújo Santos e Sérgio Henrique Vieira,  
acadêmicos do Curso de Pedagogia – Bloco IV da Universidade Estadual do Piauí

Orientador: Prof. MSc. Robison Raimundo Silva Pereira

**Resumo**

O presente artigo tem como objetivo, compreender o choque entre cultura desenvolvimentista e cultura tradicional, no povoado Manga-Maranhão. Para tanto, faz-se uma digressão investigativa ao passado, permitindo compreender os desafios que se colocam na sociedade contemporânea. Para seu desenvolvimento, optamos pela pesquisa bibliográfica, tomando por base o método histórico, e, sobretudo, a pesquisa empírica. Para isso a pesquisa de campo foi indispensável, articulando-se com as bibliografias estudadas, fizemos duas visitas ao povoado Manga-MA, para conhecermos sua cultura e seus valores e também como eles estão enfrentando a possível construção de uma Hidrelétrica Cachoeira. É preciso salientar que embora em fase embrionária de organização, há resistência, que se sustenta contra os argumentos desenvolvimentistas, a partir do papel da educação, e sua relação com a ameaça da construção da Hidrelétrica Cachoeira, pois suas práticas pedagógicas não formais estão edificadas na transmissão, circulação e apropriação do conhecimento educacional, face ao compartilhamento de pontos comuns e divergentes, sobretudo entre as relações com o rio, a natureza e a religião. Quer-se dizer, atua no campo das emoções e sentimentos. Atua sobre aspectos subjetivos do grupo, desenvolvendo laços de pertencimento. Ou seja, a educação é instrumento importante para a preservação e revitalização dessas crenças religiosas e culturais. Com efeito, o sentimento de injustiça é que força a resistência do povoado Manga-MA, em movimento social para dialogar com o Estado, a fim de corrigir situações de iniquidade que acompanham historicamente cada grupo do país.

**Palavras-chaves:** Educação. Cultura. Desenvolvimento. Meio Ambiente.

**Abstract**

This article aims to understand the clash between traditional culture and developmental culture, in the village Manga-Maranhão. Therefore, it is an investigative tour of the past, allowing us to understand the challenges that arise in contemporary society. For its development, we chose literature, based on the historical method, and especially empirical research. For this research field was indispensable, linking up with the bibliographies studied, we made two visits to the village Manga-MA, to know their culture and values and also how they are facing the possible construction of a hydroelectric waterfall. It should be noted that although in the embryonic stage of organization, there is resistance, which is supported against the developmental arguments, from the role of education and its relation to the threat of the dam of Cachoeira, because it is built in the transmission, circulation and appropriation of educational knowledge, over the sharing of common and divergent, especially among the relations with the river, nature and religion. In other words, education is instrumental in the preservation and revitalization of these religious and cultural beliefs. Indeed, the feeling of injustice is that the resistance force of the village Manga-MA in the social movement for dialogue with the State in order to correct situations of inequality that historically accompany each group of the country.

Keywords: Education. Culture. Development. Environment.

## **Introdução**

O presente artigo tem como objetivo, compreender o choque entre cultura desenvolvimentista e cultura tradicional. Para tanto, faz-se uma digressão investigativa ao passado, permitindo compreender os desafios que se colocam na sociedade contemporânea. Para o desenvolvimento desse trabalho optamos, sobretudo, pela pesquisa empírica, mas também pela pesquisa bibliográfica, tomando por base o método histórico.

Para isso, a pesquisa de campo foi indispensável articulando-se com as bibliografias estudadas. Fizemos duas visitas ao povoado Manga-MA para conhecermos sua cultura e seus valores e, também, o descontentamento por conta da possível construção de uma Hidrelétrica na região.

Assim, utilizamos o método de Boas (1858, apud Laplantine, 2003, p. 77) que indo a campo “tudo deve ser anotado: desde os materiais constitutivos das casas até as notas das melodias cantadas pelos esquimós, e isso detalhadamente, no detalhe do detalhe”. “Em razão disso, o surgimento da etnografia traz a ideia de que o pesquisador deve efetuar no campo a sua própria pesquisa, acabando assim com a repartição das tarefas divididas entre o observador e o pesquisador erudito. Uma sociedade deve ser estudada enquanto uma totalidade, tal como funciona no mesmo momento onde a observamos.” (MALINOWSKI, 1922, apud Laplantine, 2003, p.75).

## **1 O surgimento do Povoado Manga-MA**

Antes do surgimento do povoado Manga-MA, havia muitas disputas de terras, pois os solos Maranhenses sempre foram providos de uma grandiosa fertilidade gerando um excelente plantio aos que os possuíam. Com isso, e também com o crescente número de transações comerciais pelo rio Parnaíba surgiram duas povoações, uma de cada lado do rio, a Manga do Piauí e a Manga do Maranhão. Sobre o início da história da Manga Maranhense, (Demes, 2002) discorre:

[...] No passado existia em suas terras uma fazenda, que pertencia a um casal de católicos que dou uma parte de suas terras à igreja católica, que tem como padroeira Nossa Senhora da Conceição. Nas terras dessa fazenda havia repartições às quais eram identificadas por números, como por exemplo: Manga um, Manga dois, Manga três. Quando esta localidade tornou-se povoado, ficou apenas como Manga [...]

Um dos marcos do povoado foi a edificação da igreja cuja produção foi à base de pedra, areia e cal, com alicerce profundo e espessas paredes. Construída pelos escravos e índios à mando dos jesuítas entre os séculos XVII e XVIII, esta igreja constituiu-se em um espaço múltiplo, isto é, funcionava como escola, ponto de reunião da comunidade e também como posto de votação em dias de eleições, um local onde a comunidade reflete, discute os seus problemas e soluções.

Há, no entanto, algum desconforto em virtude de padres que modificaram sua estrutura primária, alterando o reboco de suas paredes, perdendo, por assim dizer toda sua originalidade, causando um descontentamento na população. Ressalva-se que todas as terras do povoado pertencem à congregação que rege a igreja. Havia diferentes tipos de toques do sino para distintas ocasiões: um para anunciar a chegada e a saída do padre e outro para anunciar a morte de uma pessoa da comunidade. Uma característica peculiar do prédio é a igreja voltada para o cemitério.

Observa-se certa imprecisão na descrição da data de construção da mesma. Tal imprecisão remete à precariedade de estudos mais detalhados sobre seu surgimento e história social da comunidade. De acordo com uma informante, a senhora Maria Roberta Carneiro:

No decorrer do tempo, vaqueiros que saíam de Goiás, com um imenso rebanho para vender, ao chegarem ao rio Parnaíba, construíam estreitos cercados para o descanso dos animais, tanto do lado do Piauí quanto do Maranhão, daí então a origem do atual nome da comunidade. Com o tráfego de animais para o abate nas redondezas, em uma dessas passagens trouxeram para a igreja um baú, que mede cerca de um metro e oitenta e cinco de comprimento por oitenta e cinco de largura, onde são guardados as vestes de Nossa Senhora da Conceição, uma coroa e um terço de ouro, e trouxeram junto um sino e uma sineta de bronze. (Entrevista concedida em 12/06/2011)

O que se sabe é que a igreja é tida como a obra mais antiga da região, e que, de fato, poderia ser uma forte aliada da população para combater a construção da Hidrelétrica Cachoeira, onde está refletida a cultura do povo desta localidade, sendo a igreja o elemento de coesão e força para enfrentar tais dificuldades.

O povoamento no interior do Brasil se deu muito em razão da fé e dos pontos de encontros e pousos dos vaqueiros, o que deu origem a muitos mitos. O povoado Manga-MA foi marcado por essas características. Com efeito, o mito religioso influencia diretamente a vida dessas pessoas, deixando transparecer em seus relatos a esperança de que a fé na santa irá

salvá-los da situação em que o povoado se encontra. Os fatos sociais estão presentes na maneira de agir do indivíduo, sendo que ele se torna sujeito dos valores que são hierarquizados pela sociedade.

Durante nossa visita à localidade, encontramos várias barreiras, no sentido de comunicação com a população. Notamos que havia desconfiança por parte dos moradores, pois os mesmos se sentiram acuados, ameaçados com nossa presença. Destaca-se, portanto, que havia ausência de mediadores entre os pesquisadores e os informantes, fato este corrigido quando voltamos ao povoado com uma jovem moradora da Manga-MA, Joselda Maria Pereira de fontes, 27 anos, atualmente estudante de pedagogia na Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Ao longo de nosso percurso, descobrimos certo inconformismo das pessoas com relação à construção da Usina Hidrelétrica Cachoeira, que tem por finalidade aumentar a produção de energia para possíveis benefícios à região e, principalmente, aos estados do Piauí e Maranhão. No entanto, o povoado Manga - MA está correndo o risco de ser tomado por águas, por conta da construção dessa hidrelétrica, que asfixiará a beleza natural do espaço e toda história social de um povo que vive há mais de cem anos nesse local. Toda essa riqueza passará a existir apenas na memória dos mais velhos.

Para SILVA (2002), a construção de grandes barragens e seus reservatórios, que objetiva o benefício social e econômico do homem, interfere no meio, causando impactos ambientais e sociais, pois a barragem de um rio desordenara completamente o habitat de qualquer região.

Além disso, nota-se que há um desequilíbrio entre as classes sociais. Parece evidente que apenas a classe dominante será beneficiada, uma vez que a mesma não tem nenhuma relação afetiva com a história do surgimento da comunidade, pois eles chegam e se instalam só a caráter de lazer, diferentemente das histórias relatadas pelos moradores, que realmente residem e mantêm os costumes de várias gerações do povoado.

Com a implantação de grandes fazendas de soja nas chapadas, o avanço da fronteira agrícola no sul dos estados do Maranhão e do Piauí tem crescido. Isso tem gerado melhorias na economia e nos negócios, bem como aumento da população vinda de fora da bacia. Portanto, será necessário produzir mais energia para atender à nova demanda e assim o país

será capaz de continuar desenvolvendo sua economia. No entanto, questionamos: Desenvolvimento para quem?

Podemos perceber, em algumas leituras, que há uma grande preocupação com alguns fatores desta construção, inclusive com o fato das redes de transmissão de energia elétrica estarem sobrecarregadas, pois apresentam grandes oscilações de potência nos horários de maior consumo. Segundo o PLANAP (CODEVASF, 2006), em muitas unidades médicas da região, alguns equipamentos para exames ficam sem funcionar devido à baixa carga na rede de energia elétrica.

Outro fator favorável à construção da Usina Hidrelétrica Cachoeira e das outras quatro usinas previstas para a região, de acordo com o discurso oficial, é a possibilidade de concretizar o projeto da hidrovia do rio Parnaíba. As represas e suas eclusas possibilitariam a navegação de barcos de grandes portes numa grande extensão do rio, pois atualmente a pequena largura do rio e presença de vários bancos de areia, especialmente nos trechos do rio que fica abaixo da Usina de Boa Esperança, não permitem a navegação de grandes embarcações.

Contudo, os impactos ao meio ambiente também foram considerados em função das áreas que podem ser alagadas pela usina em questão. Os estudos analisaram se esses locais iriam alagar pequenos espaços ou vilas inteiras, áreas de importância turística, histórica ou arqueológica, lugares importantes para a conservação da natureza etc. O resultado final desse trabalho foi que se escolheram locais onde a produção de energia fosse mais alta e os prejuízos ao meio ambiente fossem os mais baixos possíveis. (RIMA - Relatório de Impacto Ambiental - 2006).

## **2 A Comunidade Manga-MA**

Segundo informações do site Notícias de Floriano (2011): Existe uma iniciativa do IBAMA para com o impacto ambiental causado pela construção das hidrelétricas nas proximidades do povoado Manga-MA, mas, o órgão relata que: “não há motivos que inviabilizem a liberação da construção dessas usinas, uma vez que as principais fontes de subsistência da região são: a agricultura, a pesca, criação de suínos e caprinos, turismo e o salário dos aposentados”.

A agricultura é uma característica marcante devido a uma espécie de ritual que parte desde a derrocada das árvores de pequeno e médio porte até a combustão, favorecendo a limpeza do terreno para logo após dar início à preparação do solo para o plantio. Já a pesca é tradicional na localidade, devido à mesma ser praticada às margens do rio Parnaíba. Tem como figura principal o piau, o peixe mais comercializado no local, o que de fato constatamos com nossos informantes no povoado. A criação de suínos e caprinos é extensiva, pois há um enorme número destes animais soltos nas ruas do povoado. O ponto turístico mais atrativo da comunidade em estudo se faz presente na silhueta do rio, que banha o lugar.

Com isso, observamos em sua trajetória histórica e social, que devido sua localização estratégica, o povoado Manga - MA foi palco de inusitados acontecimentos como a luta pela independência do Brasil, já que o lugar serviu como refúgio para a população dos povoados Veados e São Gonçalo, que sofriam ameaças constantes de novos ataques.

Outro fato marcante foi a passagem da comitiva de Luis Carlos Prestes na Manga Maranhão indo em direção à cidade de Carolina - MA, passando antes por Benedito Leite-MA, Uruçuí – PI e Nova Iorque – MA, deixando uma página na história brasileira escrita por idealistas que produziram a maior campanha revolucionária jamais vista em terras brasileiras.

Tendo em vista tais fatos históricos e sociais, foi possível observar, com a passagem do tempo, as mudanças nos seus aspectos urbanistas tais como: a construção da rede de abastecimento de água, a pavimentação das vias públicas, a construção do posto Médico, que atende noventa e três famílias da localidade a cada quinze dias. O povoado tem uma agente comunitária de saúde que é responsável pelo cadastro único de saúde da população.

### **3 A relação da educação com o povoado**

Sobre o aspecto educacional, a comunidade passou a desenvolver-se com a construção da escola modelo Unidade Integrada Alberto da Silva Noletto, que se encontra em pleno funcionamento evitando que os estudantes, para receber uma educação de qualidade, precisem se deslocar para outras localidades, uma vez que essa escola oferece desde o ensino fundamental até o médio. A escola conta com um moderno laboratório de informática, biblioteca, quadra de esportes, refeitório, salas estruturadas, transporte para locomoção de alunos da comunidade e de outras regiões. Os professores saem, em sua maioria, da cidade de Barão de Grajaú – MA.

O senhor Temístocles Oliveira dos Reis, 83 anos, nascido e criado naquelas terras, diz que:

Vou morar aqui até os últimos dias e serei enterrado no cemitério de frente da igreja, pois todos meus entes queridos estão lá e foi assim que aprendi, minha mãe contava que se você quisesse morar nas terras de Nossa Senhora era chegar e morar, mas, não podia vendê-las, porém, podia viver destas terras, plantando, colhendo os frutos, legumes, ou seja, ali gerava sua própria fonte de renda. (Em entrevista concedida em 14/04/12)

No povoado Manga-MA, a palavra comunidade assume aspectos diversificados, que vão desde uma visão nostálgica (quando as pessoas ressaltam que ela somente existiu no passado, no tempo dos antigos) a uma visão idealizada, projetada para o futuro, em rituais religiosos. “É nesse momento que dizem que é preciso ter união, para se formar uma comunidade. Ou seja, o sentido da palavra está entre o “paraíso perdido e o esperado” (BAUMAN, 2003, apud Cardoso e Cardoso, 2011, p. 132).

Mas, de modo geral, a comunidade aparece quando se utilizam da visão idealizada, no momento em que há o confronto com o “Outro”. Entendendo-se “Outro” não somente como os de fora, aqueles que são oriundos de localidades próximas ou distantes – Ministério Público, Juiz, Políticos, turistas e engenheiros da CODEVASF. O “Outro” também pode residir dentro da própria Comunidade Manga-MA, reflexo da divisão interna em várias unidades sociais.

Há um sentimento comum de pertencimento a um território único, sobre o qual formulam sua identidade baseada num ancestral. Tal aspecto é importante, pois a “identidade brota entre os túmulos do povoado, mas floresce graças à promessa de ressurreição dos mortos”, toda vez que a área do povoado é protegida, garantida, assegurada as novas gerações. (BAUMAN, 2003, apud Cardoso e Cardoso, 2011, p. 133)

Quando é necessário firmar a unidade do grupo diante dos poderes instituídos pelo Estado, o povoado Manga-MA convoca a maioria dos seus moradores a incorporar a expressão “povoado da Santa” (Nossa Senhora da Conceição). Por conseguinte, deixa claro que é um todo e reivindica direitos ao território. É nesse momento que são suspensas as diferenças para surgir o povoado enquanto unidade política que dialoga com os poderes estatais.

E qual o principal argumento da comunidade? Que o tão propalado desenvolvimento em razão da possível construção da hidrelétrica não destrua a vida de seus moradores, ou seja, a identidade da comunidade, que é essencialmente construída em torno da sua cultura com destaque para igreja de Nossa Senhora da Conceição. Como assinala a senhora Maria Carmosina de Araújo:

Daqui não saio, porque nasci e me criei aqui, casei e tive meus filhos, hoje sou viúva, aposentada e cuido do meu quintal, aqui tenho meu pé de acerola, mamão, milho, feijão, então como posso deixar tudo para as águas? e meu marido está enterrado lá no cemitério em frente à igreja de nossa senhora? Já até tentei ir embora, mas voltei e não quero mais sair, não quero indenização porque esse dinheiro não paga minha vida. E que Nossa Senhora não vai deixar que a barragem seja construída. (Entrevista concedida em quatorze de abril de 2012)

Percebe-se, que os moradores estão sem perspectivas de como será a vida deles com a provável construção da Hidrelétrica cachoeira, porém existe um planejamento de ações que irão entrar como contra partida do estado e das empresas que pretendem construir a barragem, não somente para indenizar as famílias, mas, sobretudo, para direcioná-las para outro local. A empresa que comanda o projeto de construção da Hidrelétrica cachoeira realizou diversas reuniões com os moradores, esclarecendo todos os pontos e mudanças pelos quais a comunidade passará com tal construção e enfatizando que a distribuição e abastecimento de energia de boa qualidade é apenas um dos benefícios que favorecerão tanto o povoado Manga, como outras comunidades.

Mas percebe-se que haverá uma brutal distorção do sentido da vida em todas as suas dimensões, incluindo o trabalho e o lazer e alcançando a valorização íntima de cada pessoa e a própria constituição do espaço geográfico (SANTOS 2001), o que se contrapõe, inexoravelmente, ao desvalor como segredo do valor econômico, que só pode ser criado com violência e em um confronto permanente com quem quer que seja que a ele se oponha. Daí a dúvida sobre o discurso de desenvolvimento para a região.

Percebendo essa preocupação por parte dos moradores, é que compreendemos o quanto eles estão sendo vítimas desse “progresso”: a construção da Hidrelétrica Cachoeira. É notável o pedido de socorro da população, no sentido de cuidados com seus valores, uma vez que suas vidas estão enraizadas nessas terras. Pois como salientam: “É nossa trajetória que

viemos plantando, nossos costumes, nossas crenças, e lembranças”. Pergunta-se, quem vai olhar para esses fatores? Especulam então: “há uma preocupação com qualquer fator, menos com nossa vida que aqui está sendo decidida por pessoas que não sabemos nem quem são nem de onde saíram”. Neste momento observamos que existe uma resistência da comunidade em fase inicial.

É preciso salientar que embora em fase embrionária de organização, a resistência se sustenta a partir do papel da educação e sua relação com a ameaça da construção da Hidrelétrica Cachoeira, pois suas práticas pedagógicas não formais estão edificadas na transmissão, circulação e apropriação do conhecimento educacional, face ao compartilhamento de pontos comuns e divergentes, sobretudo entre as relações com o rio, a natureza, a religião. Quer-se dizer, atua no campo das emoções e sentimentos. Atua sobre aspectos subjetivos do grupo, desenvolvendo laços de pertencimento. Ou seja, a educação é instrumento importante para a preservação e revitalização dessas crenças religiosas e culturais, como declara Freire, (2002, p.7):

[...]com seus conhecimentos, com suas sistematizações, com seus saberes, com seu exemplo conseguiu colocar uma espécie de óculos em milhões de pobres camponeses, analfabetos, que puderam então começar a enxergar não apenas as letras, mas, sobretudo, a realidade. E ao olhá-la com saber, quiseram transformá-la [...]

Há nas práticas pedagógicas não formais uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. Lá na comunidade, a finalidade é capacitar os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Os seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. (Cohn, 2006).

Em Manga-Ma, esse modo de educação surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participa. A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social estão, presentes no grupo social, o que fortalece o exercício de cidadania.

A transmissão de informação e formação sociocultural é uma meta nesse tipo de educação. Ela prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição a barbárie, ao egoísmo e ao individualismo.

#### 4 Considerações Finais

Portanto, constata-se que é de grande relevância essa pesquisa, pois pudemos constatar a emoção de estar presente em um lugar que pode desaparecer com seus costumes e hábitos. Percebemos que a sociedade, particularmente a mais pobre, sofre as grandes consequências do meio ambiente, provocadas pelo homem que interfere drasticamente na natureza, e que às vezes age tão irracionalmente que destrói em questão de segundos, o que demorou centenas de anos para ser construído.

Com efeito, o sentimento de injustiça transforma a resistência do povoado Manga-MA em movimento social para dialogar com o Estado, a fim de corrigir situações de iniquidade que acompanha historicamente cada grupo do país.

#### Referências Bibliográficas:

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARDOSO, L. F. **A Constituição local: direito e território na Comunidade de Bairro Alto, na Ilha do Marajó – Pará**. Florianópolis, 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

COHN, Maria da Gloria. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas na escola. In. **Avaliação Política Pública Educacional**. Revista SciELO, v. 14, n. 50, p. 27-38. Jan/Mar, 2006.

DEMES, Josefina. **Floriano: sua história, sua gente**. Teresina: Ed. Brasiliense, 2003.

**Discutida a construção da Usina Hidrelétrica em Floriano**. Disponível em: <[HTTP://www.noticiasdefloriano.com.br](http://www.noticiasdefloriano.com.br)> acesso em: 15 junho de 2011. As 10:43

FREIRE, Paulo. **Vive: um educador do povo**. São Paulo: Gráfica e Editora Peres, 2002.

IBAMA. **Relatório de Impacto Ambiental - RIMA: Usina Hidrelétrica Cachoeira.** CODEVASF, 2006).

LAPLANTINE, François. **Aprendendo Antropologia.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 2003.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental:** Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos dos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único a consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Ana Claudia Ribeiro. **Implicações sócio ambientais, decorrente da construção de barragem Araçagi.** Monografia de graduação em preservação e uso racional do meio ambiente. Departamento de geografia. UEPB – Guarabira, 2002.

XAVIER, Antonio Carlos. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos.** Recife - PE: Ed. Respel, 2011